

ACADEMIA DE GINÁSTICA: AGRESSÃO À SAÚDE?

Prof. Dr. José Maurício Capinussú - UFRJ

Introdução

Um estabelecimento destinado a vender saúde em geral recebe, em nosso país, a denominação de Academia.

As pessoas procuram esse tipo de local com o objetivo de minimizar os efeitos negativos causados por um problema de saúde acusado após uma consulta médica ou, até, pela necessidade de fugir ao sedentarismo, decorrente da falta de atividade física, que muitas vezes origina outros desvios, inclusive de natureza psicológica.

Mas não é esse o enfoque que desejamos dar ao presente trabalho. Nosso objetivo é exatamente o contrário: o de tentar mostrar que, em razão do assustador crescimento quantitativo experimentado pelas academias, o fator "melhorar a saúde" passou a ocupar um plano secundário e o fator "agressão à saúde" tornou-se, infelizmente, um fator preponderante, principalmente devido a motivos de ordem econômica, que vieram a provocar um outro tipo de agressão – a completa ignorância da ética profissional. O importante é o faturamento em cima do corpo de terceiros. Não interessa como.

Com isso surge a transgressão às normas mais elementares, fortalecida pela total omissão da máquina estatal, que não se preocupa sequer em montar um esquema fiscalizador capaz de normatizar o certo e sancionar o erro. É a ocorrência do desvio em toda

a sua plenitude, quando se transgride desde a situação do local indicado para que as sessões destinadas a fazer bem ao corpo sejam ministradas, até a escolha do elemento catalizador de condições técnicas capacitado para a aplicação dos exercícios ginásticos – o professor. Este é, em geral, mal preparado, inexperiente, pensa que sabe tudo; entretanto, quando inquirido por alunos mais lúcidos – alguns com formação médica ou professores de educação física –, vem a saber que nada sabe, como diria o filósofo Sócrates.

Mas, esta formação deficiente, cuja culpa cabe em boa parte às escolas de educação física, interessa muito ao maior desviante de todos – o empresário proprietário de academia, daí a razão do questionamento que poderá até se transformar numa afirmativa: academia de ginástica, agressão à saúde? ou academia de ginástica, agressão à saúde.

Raízes Históricas

Mas como apareceram as academias de ginástica, também conhecidas como ginásios? Para responder à esta pergunta, vamos ingressar na máquina do tempo e fazer uma regressão ao ano 387 a.C., quando entraremos em contato com uma genial iniciativa do filósofo grego Platão: a criação de uma escola nos jardins consagrados ao herói ateniense Academus, que, embora destinada oficialmente

te ao culto das musas, desenvolveu profícua atividade filosófica. Lá, era ministrado o ensino das práticas esportivas, lúdicas e prendas.

Em homenagem a Academus, a escola recebeu a denominação de Akademia, e, através dos tempos, as academias se transformaram em agentes multiplicadores do saber nas várias áreas que se propõem tratar.

No campo físico-educativo, a primeira academia de que se tem notícia funcionou em Bruxelas, por volta de 1867, quando um alemão, conhecido como Professor Attila e natural de Karlsruhe – onde nasceu a 2 de julho de 1844 –, montou um estabelecimento destinado ao ensino da cultura física com aparelhos, o que se convencionou chamar hoje de musculação, além de outros materiais, como a barra fixa e as paralelas. Posteriormente, em 1885, o francês Emile Desbonnet abriu em Lille, à rua Nicolas Leblanc, a segunda academia considerada em moldes comerciais e, ele próprio, dez anos depois, descobriria Paris, inaugurando no boulevard Faubourg-Poissonnière, 48, um ginásio em que predominava a prática do halterofilismo.

Mais tarde, em 1905, o alemão Eugene Frederick Muller, mais conhecido pelo nome artístico de Sandow, integrante do grupo teatral Ziegfeld Follies e ex-aluno de Attila, inaugurava em Nova York a primeira academia do continente americano, iniciando, então, um modismo que perdura até os dias atuais.

No Brasil, coube ao conde Maeda Koma abrir em Belém a primeira academia em território nacional. Chegando à capital paraense em 1914 por via marítima, onde se encarregaria de receber os imigrantes de seu país, cumprindo assim missão diplomática que lhe fora confiada por seu governo, mediante um acordo fir-

mado entre Brasil e Japão, o conde Koma começou a difundir a prática do jiu-jitsu, a princípio em caráter amador. Entretanto, a maneira eficiente e eficaz de seu estilo de ensinar, até mesmo bastante didático, atraiu muitos alunos. Percebendo a necessidade de oferecer maiores recursos àqueles que o procuravam, objetivando aprender as técnicas daquela arte marcial, Maeda Koma construiu uma sala nos fundos de sua casa e ali instalou uma academia.

Posteriormente, em 1925, merece registro o pioneirismo do português Enéas Campello, que aqui chegou, em 1917, para trabalhar como instrutor do Colégio Militar do Rio de Janeiro, abrindo, oito anos depois, o ginásio que levava o seu nome, na rua das Marrecas, 35, onde hoje funciona a Mesbla. Lá, ministravam-se aulas de ginástica com aparelhos (barras, paralelas) e halterofilismo.

Ainda em 1925, a paraense Naruna Amorim Corder, que havia estudado no Royal Ballet Academy, montou uma academia na rua Evaristo da Veiga, nos fundos da Igreja Inglesa, onde, presentemente, se localiza uma sede do INSS (entre as ruas 13 de Maio e Senador Dantas). Naquele local, Naruna manteve, durante algum tempo, cursos de balé clássico, dança moderna, sapateado, ginástica rítmica e ginástica acrobática.

Desde então começou a se intensificar o surgimento de novos estabelecimentos do gênero em todo o país, movimento que realmente se expandiu a partir da década de 60.

Maior Demanda, Menor Oferta

Sendo uma das facetas inovadoras da Educação Física, por uma tendência da socie-

dade – devido ao aumento dos usuários –, a Academia ainda não recebeu uma teorização condizente com a importância cada vez maior que tem na área de atividade física. A prática distanciou-se demasiado da teoria, criando-se, então, uma ambigüidade incômoda, representada pela revelação de um novo praticante e de um novo profissional despreparado para recebê-lo.

Houve uma demanda maior, no que tange aos praticantes, com menor oferta quanto aos especialistas dedicados à tarefa de instruir. Constituindo-se em um produto do narcisismo, a academia transformou-se num bem de consumo da sociedade moderna, seja esta capitalista ou socialista.

Houve, ainda, um crescimento improvisado na prática e desarticulado na teoria. Cabem, então, dois questionamentos de capital importância: 1) como inserir a academia no contexto da teoria educacional, se esta visa a emancipação do homem?; 2) como evitar a manipulação comercial ou ideológica que permeia a vida urbana e industrial?

Sobrevivem, contudo, alguns profissionais que se destacam pela criatividade, porém, qual seria a verdadeira necessidade? Um profissional não-formal, que alie a prática criativa à teoria libertadora ou um profissional não-alienado, com formação nas áreas de educação e saúde?

Agressão à Saúde

Cinco situações servem para caracterizar o tema de nosso trabalho e fazem com que as academias possam ser encaradas como fontes de agressão à saúde:

1) Pessoas mal preparadas ensinando o que não sabem, algumas até induzindo, de forma criminosa, os jovens a ingerir substâncias anabolizantes, causadoras de efeitos colaterais;

2) a cumplicidade da máquina estatal ao não fazer uma fiscalização rigorosa, honesta e competente, que venha a impedir embusteiros e usurpadores de exercer ilegalmente a profissão de professores de Educação Física, atuantes em academia;

3) estabelecimentos construídos à semelhança de instalações faraônicas, capazes de iludir os leigos, utilizando, porém, técnicas de ensino superadas e mal qualificadas, embora cobrando taxas elevadas, como uma forma de manter as aparências representadas pela beleza dessas instalações;

4) a implantação de métodos idênticos para todos, sedentários ou não, hipertensos ou não, jovens ou idosos, ignorando-se qualquer programação que atenda o princípio da individualidade biológica, segundo o qual ninguém é igual a ninguém. Não existe a preocupação de se formular séries individualizadas, atendendo às carências deste ou daquele praticamente, ou, através de outro procedimento também bastante racional, de constituir pequenos grupos integrados por pessoas cujas necessidades e deficiências sejam semelhantes;

5) aulas ministradas em locais inadequados, situados em salas sob constante poluição atmosférica e sonora, às vezes localizadas em sub-solos, sem janelas e com ar-condicionado, quando o ideal é que as áreas sejam amplas, no alto dos edifícios ou em casas espaçosas e bastante arborizadas, dotadas de permanente ar natural. Locais que lembrem aquele onde Platão criou a Academia;

Elemento Desviante

Todas as situações transgressoras descritas anteriormente constituem violações das normas sob o aspecto ético, pois, diretamente ou não, por intermédio da iniciativa privada ou contando com a omissão da máquina estatal, as academias vêm sofrendo influências de caráter negativo, causadas principalmente pelo indiscriminado aparecimento de novos estabelecimentos de pequeno, médio e grande porte.

As definições de Dinitz, Dynes e Clark (1969) – *Desvio é o afastamento de certos comportamentos, numa determinada sociedade, em determinado tempo, das normas vigentes* –, de Clinard (1968) – *Desvio é, essencialmente, a violação de certas normas do grupo* – e de Matza (1969) – *Desvio é sair dos padrões preestabelecidos* – se enquadram perfeitamente ao esquema seguido por grande parte das academias de ginástica, onde o interesse comercial está acima de qualquer outro.

O estudo do comportamento que viola regras sociais e dos indivíduos que assim se comportam se relaciona com o estudo da violação das normas que, na prática, são impostas pelas classes alta e média, exatamente onde se encontra a clientela das academias.

Segundo Kosovski (1988), *a escala dos comportamentos desviantes vai da excentricidade ao crime*, sendo este definido como a violação da lei (comportamento típico previsto na legislação penal). Entretanto, o problema acadêmico, em seu enfoque desviante desta, representa uma violação da norma, que pode referir-se ao sentido moral, ao religioso (pecado), ao costume e à ética.

Conclusão

Se encararmos a academia como elemento desviante, dentro de um quadro que se encaixe nas cinco situações citadas anteriormente, ou apenas em algumas delas, vamos aceitar a afirmativa de que a academia é uma agressão à saúde, tomando-se as devidas precauções para que a assertiva não alcance uma abrangência geral.

Entretanto, o narcisismo dos praticantes, somado à ignorância do que é certo ou errado em termos de ministrar métodos e à ilusão proporcionada por estabelecimentos que exibem instalações belas e faraônicas contribuem de forma decisiva para a fixação deste quadro desviante. Acreditamos que, ao neutralizar estes fatores comprometedores, a academia possa alterar a concepção de uma frase negativa para uma interrogativa “academia de ginástica, agressão à saúde?”, resposta que poderá vir a ser negativa a partir do momento em que o corpo humano realmente seja tratado de forma digna, a partir do trabalho de profissionais competentes e legitimamente credenciados.

REFERÊNCIAS

- CAPINUSSÚ, J. M. & DA COSTA, Lamartine Pereira. *Administração e marketing em academias de ginástica*. São Paulo : Ibrasa, 1989.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, 1986.
- KOSOVSKI, Ester. Nota de aula da disciplina *Comunicação e Desvio*. Escola de Comunicação - UFRJ, curso de Doutorado, 1988.